

# O casamento da filha mais nova DOS VISCONDES DO BOTELHO

No nosso prezado colega «A Voz», de 25 do passado mês, transcrevemos pelo seu interesse o desenvolvido relato do casamento da filha mais nova dos srs. Viscondes do Botelho com o illustre titular espanhol sr. Conde Berenguer:

Celebrou-se ontem, ao fim da tarde, na igreja do Mosteiro dos Jerónimos, o casamento da filha mais nova dos srs. Viscondes do Botelho, sr.<sup>a</sup> D. Margarida Melânia do Botelho de Castelo Branco de Medeiros, com o advogado sr. Dr. Joaquim de Berenguer de Los Arcos (Conde Berenguer de Los Arcos), pertencente a uma das melhores famílias da nobreza espanhola, ligada com os Condes da Parede.

A cerimónia revestiu-se da maior pompa, podendo considerar-se como o casamento do ano em Portugal. Os milhares de pessoas que se reuniram em frente do grande monumento manuelino, e entre os quais predominava o elemento feminino, chegaram até a qualificá-lo como o casamento do século, no nosso País. E a verdade é que talvez haja motivo para a afirmação, pois a boda reuniu mais de setecentas pessoas e teve a maior repercussão, constituindo um dos actos mais expressivos da vida social lisboeta dos últimos anos.

A igreja dos Jerónimos, que se encheu por completo (além dos convidados havia muitas centenas de pessoas, muitas das relações da família da noiva), apresentava uma de coração sóbria e lindíssima. Em toda a capela-mor, viam-se milhares de flores brancas, em que se distinguiam os jarros, cravos, gladiolos e lírios, juntamente com verdura. Uma artística iluminação, encheu de luz as formosas pedras do interior do templo. Mais de cinquenta cadeiras de veludo verde espalhavam-se pela capela-mor, nelas tomando lugar as principais individualidades e as famílias dos noivos.

Os convidados — os homens entregando casaca ou farda, com decorações, e as senhoras com deslumbrantes vestidos compridos — começaram a chegar aos Jerónimos pouco antes das 19 horas. Dado o

Setecentas pessoas na boda—Um jardim transformado num salão sumptuoso—Lua-de-mel em Itália—Quatro Ministros, um Secretário de Estado norte-americano e membros do Corpo Diplomático entre os convidados —O Chefe do Estado participou no jantar



A noiva conduzida pelo braço de seu pai sr. Visconde do Botelho

elevado número de personalidades — o total de pessoas que assistiram ao casamento, como convidados, ascendia a mais de setecentos — a cerimónia religiosa, cujo início estava marcado para as 19,30 horas, sofreu certo atraso, iniciando-se passava já das 20 horas, altura em que deu entrada a noiva (o noivo chegara momentos antes).

Pelo braço de seu pai, a sr.<sup>a</sup> D. Margarida Melânia do Botelho entrou na igreja, pela porta do fundo, dirigindo-se lentamente para a capela-mor, ao som da "Marcha Nupcial", de C. Vinet de Noyan.

Toda de branco, com um sorriso nos lábios e nos olhos, era uma noiva feliz, com um ramo de flores de laranjeira junto ao peito. Deslumbrantes diamantes brilhavam nos seus cabelos de tom louro. A medida que ia avançando, a jovem noiva saudava, sorridente, os seus amigos.

Chegada à capela-mor, ocupou um genuflexório, frente ao altar-mor. A seu lado esquerdo, noutro genuflexório, seu noivo acolheu-a

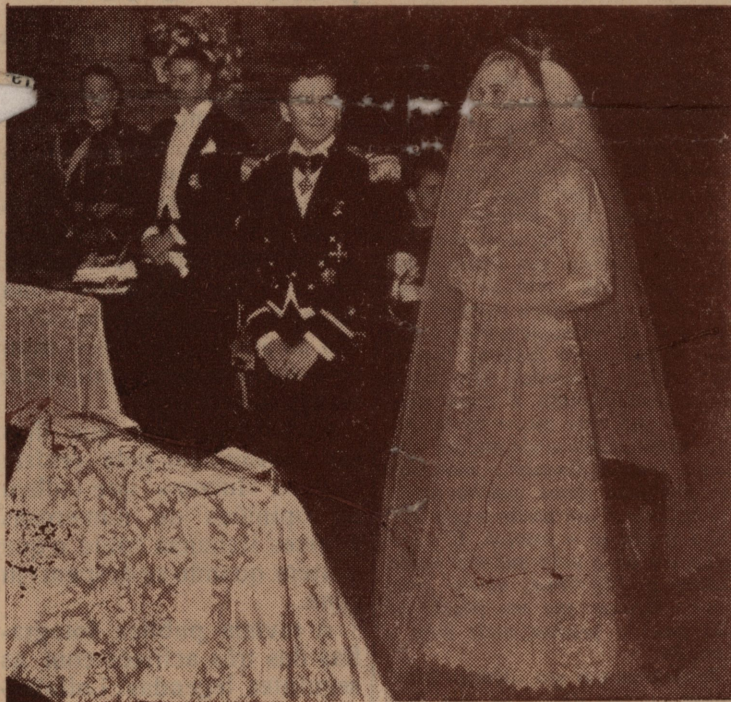
com a felicidade estampada no rosto. Atrás de ambos, igualmente em genuflexórios, os padrinhos: de um lado, a sr.<sup>a</sup> Viscondessa do Botelho e o sr. D. Leopoldo Velasco, e de outro, a sr.<sup>a</sup> D. Petra de Los Arcos Resano e o sr. D. Jaime de Berenguer y Maldonado. Pouco depois chegava o sacerdote que presidiu a cerimónia, Mons. Moreira das Neves, chefe da redacção do nosso prezado colega «Novidades», acompanhado do rev. Dr. Alves de Campos, assistente nacional da M. P.

## O Conde de Barcelona e sua filha entre os convidados

Todos os convidados haviam tomado já os seus lugares. Na capela-mor, do lado do Evangelho, estavam o Conde de Barcelona e sua filha, a Infanta D. Maria del Pilar. Depois, os Ministros da Defesa, da Justiça, da Marinha e das Corporações, com as esposas, com excepção do terceiro. Em duas filas seguintes as famílias dos noivos — o sr. Visconde do Botelho; as sras. Baronesa de Lardies e de Marraco; os srs. D. António Marraco, D. José Navarro e D. Manuel Velasco; a sr.<sup>a</sup> Viscondessa de Maiorca; o sr. coronel Pimenta da Gama e esposa; as sras. D. Eugénia Alves Dinis Marquesa de Ayerbe; o sr. arquitecto Pimenta da Gama e esposa; sr. Nuno Botelho; as sras. D. Maria Isabel Contreras, D. Maria Pimenta de Castelo Branco, D. Ana Maria Botelho, D. Cândida Botelho, D. Isabel Velasco; os srs. José Honorato Botelho e D. Jesus e D. Leopoldo Velasco; e ainda a sr.<sup>a</sup> D. Natividade Mendonça Dias.

Do lado da Epístola estavam, além das sras. embaixatrizes de França e da Inglaterra, os srs. Clarence D. Martin, Secretário de Estado do Comércio dos Estados Unidos; embaixadores da Alemanha, Bélgica, Turquia, Estados Unidos e Suécia; encarregado de negócios de Marrocos; conselheiro da Nunciatura

(Conclui na página 4)



No ambiente sumptuoso da Igreja do Mosteiro dos Jerónimos, o distinto par, num dos momentos mais felizes da brilhante cerimónia nupcial, que foi presenciada por milhares de pessoas



No momento da assinatura do assento de casamento, as duas mães: no primeiro plano a sr.<sup>a</sup> Viscondessa do Botelho, mãe da noiva, e a mãe do noivo. No segundo plano, o sr. Visconde do Botelho e sua filha a pintora sr.<sup>a</sup> D. Ana Maria, sr.<sup>a</sup> D. Maria da Natividade e a sr.<sup>a</sup> D. Maria Pia Botelho de Castelo Branco



# O CASAMENTO da filha mais nova dos Viscondes do Botelho



Os lugares dos Ministros—da esquerda para a direita: sr.<sup>a</sup> D. Maria Luisa Gonçalves de Proença e seu marido o sr. Ministro das Corporações, o sr. Ministro da Marinha, sr.<sup>a</sup> D. Madalena Antunes Varela e seu marido o sr. Ministro da Justiça

(Conclusão da 1.<sup>a</sup> página)

comunhão e os noivos receberam a Sagrada Partícula, o mesmo o fazendo os familiares e alguns convidados. Por fim, ouviu-se o «Magnificat» de Franssen.

Eram quase 21,30 horas, quando a cerimónia religiosa terminou. Os noivos, já unidos carnal e espiritualmente para todo o sempre, são os primeiros a deixar o templo, ao som da «Marcha Nupcial», de Mendelsohn.

## O banquete na Casa Nobre de Lázaro Leitão (Junqueira)

Terminada a cerimónia, todos se dirigiram para a Casa Nobre de Lázaro Leitão, na Junqueira, residência dos pais da noiva, onde foi servido um banquete, nos belos jardins, transformados num sumptuoso salão, que estava decorado com flores brancas e vermelhas, fitas amarelas e vermelhas, lindas toalhas, ricos tapetes, quadros e móveis antigos, candelabros e outras peças de arte muito raras. Num dos lagos, foi colocada uma placa de verdura e flores, com a seguinte legenda: «Feliz noivado, 24-4-65». Junto da piscina, armou-se um grande estrado, para o baile, que houve a partir da meia-noite, abrilhantado por uma das mais conhecidas orquestras.

Havia ainda mais de sessenta mesas, cada uma com dez cadeiras, bem como uma grande mesa para os noivos e na qual tomaram lugar mais quarenta pessoas. Todas elas estavam ornamentadas com um requinte extraordinário. Foram utilizados 705 pratos de sopa, 1498 de carne e peixe, 720 de fruta e 795 de doce. As mesas e cadeiras utilizadas foram construídas expressamente em madeira da ilha de S. Miguel.

O grande bolo da noiva, montado num carro puxado por veados, dominava o formoso jardim, agora elegante «salão», onde, se houvesse grande temporal, não cairia uma gota de água. Mais de duzentos criados da Bénard, dirigidos pelos srs. Manuel Carvalho e Manuel Gaspar Jordão, serviram o esme-

missões de terror, a fim de dificultarem a execução do Acto dos Direitos Civis promulgado em 1866.

Não será descabido mencionar neste momento que aquela antiga tática de disfarce e de intimidação pessoal ainda hoje existe. Com efeito, ainda hoje os perigosos membros do KU, KLUX KLAN vestem à maneira de verdadeiros fantasmas.

Será igualmente oportuno e útil dizer que o aludido

# Um mal nunca vem só OS TOTOBOLISTAS também estão mal com a TAP...

No decurso da semana — e com o relevo que o tema justamente merece — publicamos em três diários de Ponta Delgada o texto integral da recetiva intervenção do deputado Dr. Gamboa de Vasconcelos, na Assembleia Nacional, acerca do magno problema das ligações aéreas do equipélago.

Por absoluta falta de espaço não nos é possível fazer uma larga referência à matéria versada, sendo de clientiar, de acordo com a armação feita nestas colunas, desde Janeiro último e numa companhia porfiada em que ressaltava o interesse colectivo, esta flagrante conclusão: a certeza pública e deprecionante de que, com os seus horários e a sua actual organização «a TAP não serve bem os Açores.»

A provar a asserção e a traduzir a necessidade de um sistema mais eficiente, na organização dos seus serviços, há o facto de a TAP ainda no último fim de semana ter adiado o seu voo de regresso a Lisboa, das 0.30 do sábado para as 6 horas do domingo — ao que nos consta — por falta de um único acessório do género em seu armazém em Santa Maria!...

Assim, além do aborrecimento ou prejuízo causado aos passageiros com uma demora de um dia, ficaram excluídos do concurso do totobola milhares de concorrentes dos Açores e Madeira, volumando-se assim a decepção por mais este inesperado f side...

## Eng. Soares Bordalo

No último dia do mês passado regressou de Lisboa, onde se deslocou em missão oficial, o sr. eng.º Carlos Soares Bordalo, director da Junta Autónoma dos Portos.

## Uma micaelense em Lisboa

(Conclusão da página 2)

mesmo álbum, e mostra-nos um estudo desenhado: Amália. «Enviei, n dia, à sr.<sup>a</sup> D. Amália este desenho. Depois, tempos volvidos, procurei-a numa casa onde estava a ir autógrafos. Quando a sr.<sup>a</sup> D. Amália me viu, decidi identificá-la — fui aquela pessoa que lhe viu o desenho — disse-lhe. E a sr.<sup>a</sup> D. Amália, pegando-me em ambas as mãos, agradeceu-me, muito emocionada. Foi o dia mais feliz da minha vida».

Chama-se Maria Helena. Esteve dois anos internada no Hospital de S. José. Os médicos declaram-na incurável. O desenho é lenitivo para o seu desespero. O passado é saudade e amargura. É a história de uma mulher que veio de longe, para não dizer adeus à esperança.

## A conquista do espaço



Um cientista em traje apropriado para voos especiais transporta uma caixa, durante exercícios em condições fora do âmbito da gravidade, num laboratório «Boeing» de investigação debaixo de água, em Seattle, Washington. O meio aquático simula os efeitos da ausência da gravidade que os astronautas experimentam no espaço. As provas têm por objecto desenvolver técnicas para missões fora da astronave, em futuros voos orbitais. Estas missões realizar-se-ão no actual programa especial «Géminis», em voos de veículos dos astronautas.

# Dos barretes e das carapuças

(Conclusão da página 8)

vez dos demais dos Açores pelas suas abas bastante largas e a sua copa de dimensões muito reduzidas e um tanto afusada.

Passando-nos à ilha Terceira não encontramos aí a carapuça de lã, com rebuço e pala, como acontece em S. Miguel.

Falando de O traje popular terceirense (in «Açoreana», II, 103), o saudoso Dr. Luis da Silva Ribeiro indicou-nos os seguintes tipos de cobertura de cabeça por parte do povo:

- a) o barrete de lã, cónico, semelhante ao usado no Continente e nas outras ilhas;
- b) o barrete de meia de lã, em forma de calote esférica e terminando no alto por um cordão com uma pequena borla na ponta;
- c) a carapuça de orelhas, pequeno barrete de pano de lã azul escuro ou preto, forrado de castorina, em forma de pirâmide losangular, posta sobre

uma orla da mesma fazenda de dois ou três dedos de largura, com duas saliências (orelhas) de lã vermelha alcochoadas, uma de cada lado sobre a região temporal da cabeça — carapuça que tem uma vaga semelhança com a montera dos toureiros espanhóis; e d) Chapéu de palha entrançada de abas largas, vindo do Pico.

O mesmo etnógrafo informa que a carapuça com pala e rebuço, do modelo micaelense, nunca foi usada na Terceira, mas sim na ilha de São Jorge. Com efeito, e com relação a esta última ilha, o viajante norte-americano Lyman Weeks, assinalaria no fim do século XIX, nas Velas, o seguinte:

«Os homens são notados em razão dos seus barretes de lã debruados de vermelho. Alguns têm na frente uma pala ponteguda voltada para cima como um triângulo apontando para o céu...» (Insulana, XIV, 243). Na Graciosa, foi usada também a carapuça de lã mas com formato diferente das demais ilhas.

No Pico e no Faial têm predominado os chapéus de palha tanto por parte dos homens como das mulheres. Quanto a estas, já Joseph Bullar as desenharia com chapéus de palha de abas largas, idênticos aos actuais e com uma copa cilíndrica e, portanto, rasa no topo, por forma a poderem levar cargas à cabeça sem retirarem os mesmos chapéus.

Na ilha de Flores, chamam carapuça de «pompom» com o formato de calote esférica e com abas arqueadas (Apen. Luis Ribeiro, op. cit.).

No Corvo, tem-se por característico, o pequeno barrete circular de fazenda de lã, com pompom — barrete que lembra em parte o do marinheiro francês, embora as cores sejam outras. Isto sem falar nos chapéus de palha igualmente usados pelas mulheres.

Finalmente, há que assinalar que, de uma maneira geral em todas as ilhas, costumam os homens usar um lenço de lã ou de algodão na cabeça, sobre o qual põem depois o chapéu, sempre que estão doentes e têm de sair à rua. A cobertura da cabeça com um lenço de lã, por parte do homem, é por demais conhecida, como preceito da indumentária do romeiro da quaresma, na ilha de São Miguel.

Tem, pois, o seu interesse, este capítulo do vestuário popular açoriano, na parte que se refere a «coberturas de cabeça, independentes de qualquer outro resguardo», ou sejam, como acabámos de ver, barretes, carapuças e chapéus.

(Palestra proferida no Emissor Regional dos Açores)

## Carreiro da Costa

## 1.º SARGENTO Ferreira de Almeida

A fim de prestar serviço no ultramar, embarcou no «Carvalho Araújo» para o continente o nosso prezado colaborador 1.º sargento Manuel de Andrade Ferreira de Almeida, a quem agradecemos os seus cumprimentos de despedida com votos das maiores felicidades.

## Apontamento

(Conclusão da página 2)

que supomos, mesmo assim, não deixarão de ser um pouco benéficos para realce de medidas constantes do relatório-proposta sectorial que serviu ao plano quadrienal vigente, e que, por nosso impedimento já foi elaborado por nisto substituído com a competente competência que o momento de entusiasmo e confiança no futuro desenvolvimento regional da nossa bvinicultura.

E tanto assim, quanto não se ignora que a cadência rápida que caracteriza os tempos modernos tem que determinar, em prazo mais curto do que se possa prever, modificações profundas das situações dos mercados ou das condições económicas em que se desenvolvam as explorações pecuárias, impondo até si necessário, novas revisões de programas, tanto à luz dos factos passados, como das perspectivas do futuro.

E assim, tendo em mente as palavras que o Ministro

da Agricultura da França, M. E. PISANI, no Instituto Nacional Agronómico, quando de uma reunião de informação dos Directores de Estabelecimentos Agrícolas, no ano passado, dirigiu aos jovens do mundo rural e levando em conta o meio de que estão impregnados, «o ensino agrícola tem por vocação

as elites de que ela tem necessidade para tomar o lugar que merece no mundo moderno», manifestamos nossa plena fé e esperança, em que o actual escol de novos valores da geração de técnicos agrários e de agricultores e lavradores micaelenses e marienses, que felizmente possuímos não deixará de começar a construir, com perseverança, os necessários alicerces tendentes à suficiência robustez das actividades agro-pecuárias do distrito, em sua hodierna evolução.

E tanto assim será, porque estamos convictos que devem ter bem a noção das responsabilidades que neles também impendem, no sentido de preparar um melhor futuro para as gerações que se lhes seguirem, então possuidoras daquelas elites com as normas de mentalização que agora, mais do que nunca, se lhes impõe ministrar, e isto ainda dizemos, de acordo com a citação feita pelo mesmo Ministro E. Pisani, no debate agrícola na Assembleia Nacional Francesa de 11 de Outubro do ano findo «Formar os adultos, é talvez hoje, numa certa medida, mais importante que formar os novos porque estes chegarão depois que o mundo novo tenha sido construído»...

## Dr. Gamboa de Vasconcelos

Acompanhado de sua esposa sr.<sup>a</sup> D. Maria Eugénia de Viveiros Gamboa de Vasconcelos, regressou de Lisboa o sr. dr. Jorge Gamboa de Vasconcelos, deputado por este circulo.



# UMA ATITUDE do Presidente Johnson contra uma seita secular

Pelo Padre ERNESTO R. BORGES

Creio que não há periódico algum que nunca se tivesse referido à seita norte-americana do KU, KLUX KLAN, vulgarmente conhecida em virtude dos actos de terrorismo perpetrados pelos seus membros e cuja génese muitos ignoram.

O último desses actos ocorreu, há ainda pouco tempo, em Alabama, durante uma marcha de milhares de indivíduos de todos os credos e que teve por finalidade pedir a concessão dos direitos civis para os pretos dos Estados do Sul.

Foi no decurso dessa marcha ordeira e pacífica que, e conforme a imprensa mundial então noticiou, sem dúvida, Viola Gregg Luizzo foi assassinada por três membros da mencionada seita.

Em virtude, porém, da vaga dos vigorosos protestos contra os autores daquele nefando e repugnante crime, o ilustre Presidente dos Estados Unidos ordenou uma imediata e municiosa investigação às obscuras actividades do KU, KLUX KLAN.

E' de esperar que em face dos vários delitos atribuídos aos membros daquela organização e que a comissão investigadora revelará a seu tempo ao público em geral, severas medidas de repressão sejam aplicadas contra os seus adeptos.

Aquela seita, de carácter liberal no seu começo, foi iniciada por seis jovens e sob o título dum clube recreativo, em Pulaski, pequena localidade do Estado de Tennessee, no mês de Maio do ano de 1866.

Um ano depois, o dito clube, que não vacilou atribuir a si o distintivo de «Império Invisível do Sul» não só se tornou uma organização secreta, como principiou a ameaçar os pretos e a proclamar a supremacia dos brancos sobre aqueles.

Embora os seus membros não fossem numerosos, o certo é que eles eram (e ainda hoje o são) autênticos fanáticos que sempre odiaram e excluíram das suas fileiras os católicos, os judeus, os pretos e os fiéis pertencentes ao rito oriental.

Urge acentuar que o principal objectivo das tenebrosas actividades do KU, KLUX KLAN foi, desde a sua existência já quase secular, pugnar pela superioridade dos brancos nos vários Estados do Sul da América do Norte.

Em ordem à realização desse plano, os seus filiados, vestidos de branco dos pés até à cabeça e com o rosto velado, eram enviados em missões de terror, a fim de dificultarem a execução do Acto dos Direitos Civis promulgado em 1866.

Não será descabido mencionar neste momento que aquela antiga tática de disfarce e de intimidação pessoal ainda hoje existe. Com efeito, ainda hoje os perigosos membros do KU, KLUX KLAN vestem à maneira de verdadeiros fantasmas.

Será igualmente oportuno e útil dizer que o aludido

Acto dos Direitos Civis foi publicado um ano após o bárbaro assassinato do Presidente Abraham Lincoln, que aboliu a escravatura.

Tal documento mostra, e de forma irrefragável, que o Governo sempre se interessou pela boa sorte dos pretos. Todavia, os seus esforços nunca foram coroados de bom êxito e sômente por causa da tenaz resistência dos brancos do Sul.

Ao contrário do pensar de muitos, convém notar bem que os membros do KLAN não só são recrutados entre os indivíduos semi-analfabetos, como sempre foram perseguidos pelas autoridades governamentais.

Com efeito, eles foram contrangidos a debandar em 1870, ano em que o Congresso restaurou o Acto dos Direitos Civis de 1866, ao mesmo tempo que autorizou o Presidente a usar dos meios necessários para pôr em acção as disposições nele contidas.

Embora o KLAN tenha entrado em franco declínio depois da promulgação do Acto da Força em 1871, o qual vigiava e restringia as suas actividades, apesar disso, ele não se extinguiu nem morreu nos Estados do Sul. A má semente nunca vai assim!

Mais tarde, e com o intuito de proteger os pretos, o Governo publicou em 1875 um suplemento ao Acto dos Direitos Civis mas, infelizmente a maioria das suas provisões foram declaradas anti-constitucionais pelos governadores do Sul.

Depois de vários anos de morte aparente, eis que o KLAN atingiu um extraordinário prestígio através da América do Norte em 1920, ano em que chegou a contar cinco milhões de activos filiados vindos de todas as camadas sociais.

Por essa ocasião, ele concentrou o fogo dos seus ataques contra o católico Alfred E. Smith, quatro vezes governador de Nova York, e três vezes candidato à presidência da Nação em 1920, 1924 e 1928 e cuja derrota foi provocada pelos membros daquela seita.

Daí resultou que, a partir do dia daquela vergonhosa, iníqua e repugnante vitória a pior que a História da América regista, o KLAN começou a favorecer para os altos cargos da vida nacional candidatos hostis aos católicos, aos judeus e aos pretos.

Aconteceu, porém, que durante a grave crise económica (1929-1939) aquela odiosa seita perdeu quase todo o dinamismo de que gozava. O número dos seus associados passou, então, para 300.000 e, actualmente, não vai além dos 15.000.

Visto que o KU, KLUX KLAN é uma organização que, durante quase um século, sempre se opôs aos direitos constitucionais no Sul, a Nação inteira espera que o Presidente lhe aplique agora, a sanção que a lei e o bem comum pedem e exigem.

# Um mal nunca vem só OS TOTOBOLISTAS também estão mal com a TAP...

No decurso da semana — e com o relevo que o tema justamente merece — publicaram os três diários de Ponta Delgada o texto integral da recente intervenção do deputado sr. Dr. Gamboa de Vasconcelos, na Assembleia Nacional, acerca do magno problema das ligações aéreas do arquipélago.

Por absoluta falta de espaço não nos é possível fazer uma larga referência à matéria versada, sendo de salientar, de acordo com a afirmação feita nestas colunas, desde Janeiro último e numa campanha porfiada em que só ressaltava o interesse colectivo, esta flagrante conclusão: a certeza pública e decepcionante de que, com os seus horários e a sua actual organização «a TAP não serve bem os Açores.»

## Eng. Soares Bordalo

No último dia do mês passado regressou de Lisboa, aonde se deslocou em missão oficial, o sr. eng.º Carlos Soares Bordalo, director da Junta Autónoma dos Portos.

## Uma micaelense em Lisboa

(Conclusão da página 2) o mesmo álbum, e mostra-nos um rosto desenhado: Amália. «Enviei, um dia, à sr.ª D. Amália este desenho. Depois, tempos volvidos, procurei-a numa casa onde estava a dar autógrafos. Quando a sr.ª D. Amália me viu, decidi identificarme — fui aquela pessoa que lhe enviou o desenho — disse-lhe. E a sr.ª D. Amália, pegando-me em ambas as mãos, agradeceu-me, muito emocionada. Foi o dia mais feliz da minha vida».

Chama-se Maria Helena. Esteve dois anos internada no Hospital de S. José. Os médicos declararam-na incurável. O desenho é lenitivo para o seu desespero. O passado é saudade e amargura. É a história de uma mulher que veio de longe, para não dizer adeus à esperança.

## A' conquista do espaço



Um cientista em traje apropriado para voos especiais transporta uma caixa, durante exercícios em condições fora do âmbito da gravidade, num laboratório «Boeing» de investigações debaixo de água, em Seattle, Washington. O meio aquático simula os efeitos da ausência da gravidade que os astronautas experimentam no espaço. As provas têm por objecto desenvolver técnicas para missões fora da aeronave, em futuros voos orbitais. Estas missões realizar-se-ão no actual programa especial «Geminis», em voos de veículos dos astronautas.

A provar a asserção e a traduzir a necessidade de um sistema mais eficiente, na organização dos seus serviços, há o facto de a TAP ainda no último fim de semana ter *adiado* o seu voo, de regresso a Lisboa, das 0.30 do sábado para as 6 horas do domingo — ao que nos consta — por falta de um *único* acessório do género do seu armazém em Santa Maria!...

Assim, além do aborrecimento ou prejuízo causado aos passageiros com uma demora de um dia, ficaram excluídos do concurso do totobola milhares de concorrentes dos Açores e Madeira, volumando-se assim a decepção por mais este inesperado *side...*

## Apontamento

(Conclusão da página 2) que supomos, mesmo assim, não deixará de ser um pouco benéfico para realce de medidas constantes do relatório-proposta sectorial que serviu ao plano quadrienal vigente, e que, por nosso impedimento já foi elaborado por nosso substituto com a competente competência que o momento exigia, com justificado ardor de entusiasmos e confiança no futuro desenvolvimento regional da nossa bovinicultura.

E tanto assim, quanto não se ignora que a cadência rápida que caracteriza os tempos modernos tem que determinar, em prazo mais curto do que se possa prever, modificações profundas das situações dos mercados e das condições económicas em que se desenvolvam as explorações pecuárias, impondo até si necessário, novas revisões de programas, tanto à luz dos factos passados, como das perspectivas do futuro.

E assim, tendo em mente as palavras que o Ministro

# Dos barretes e das carapuças

(Conclusão da página 8)

vez dos demais dos Açores pelas suas abas bastante largas e a sua copa de dimensões muito reduzidas e um tanto afusada.

Passando-nos à ilha Terceira não encontramos aí a carapuça de lã, com rebuço e pala, como acontece em S. Miguel. Falando de *O trajo popular terçeirense* (in «Açoreana», II, 103), o saudoso Dr. Luís da Silva Ribeiro indicou-nos os seguintes tipos de cobertura de cabeça por parte do homem: a) o barrete de lã, cónico, semelhante ao usado no Continente e nas outras ilhas;

b) o barrete de meia de lã, em forma de calote esférica e terminando no alto por um cordão com uma pequena borla na ponta;

c) a *carapuça de orelhas*, pequeno barrete de pano de lã azul escuro ou preto, forrado de castorina, em forma de pirâmide losangular, posta sobre

uma orla da mesma fazenda de dois ou três dedos de largura, com duas saliências (orelhas) de lã vermelha alcochoadas, uma de cada lado sobre a região temporal da cabeça — carapuça que tem uma vaga semelhança com a *montera* dos toureiros espanhóis; e d) Chapéu de palha entrançada de abas largas, vindo do Pico.

O mesmo etnógrafo informa que a carapuça com pala e rebuço, do modelo micaelense, nunca foi usada na Terceira, mas sim na ilha de São Jorge. Com efeito, e com relação a esta última ilha, o viajante norte-americano Lyman Weeks, assinalaria no fim do século XIX, nas Velas, o seguinte:

«Os homens são notados em razão dos seus barretes de lã debruados de vermelho. Alguns têm na frente uma pala ponteguda voltada para cima como um triângulo apontando para o céu...» (Insulana, XIV, 243). Na Graciosa, foi usada também a carapuça de lã mas com formato diferente das demais ilhas.

No Pico e no Faial têm predominado os chapéus de palha tanto por parte dos homens como das mulheres. Quanto a estas, já Joseph Bullar as desenharia com chapéus de palha de abas largas, idênticos aos actuais e com uma copa cilíndrica e, portanto, rasa no topo, por forma a poderem levar cargas à cabeça sem retirarem os mesmos chapéus.

Na ilha de Flores, chamava-se *carapuça de campanha* com o formato de calote esférica e com abas arqueadas (Apen. Luis Ribeiro, op. cit.).

No Corvo, tem-se por característico, o pequeno barrete circular de fazenda de lã, com pompom — barrete que lembra em parte o do marinheiro francês, embora as cores sejam outras. Isto sem falar nos chapéus de palha igualmente usados pelas mulheres.

Finalmente, há que assinalar que, de uma maneira geral em todas as ilhas, costumam os homens usar um lenço de lã ou de algodão na cabeça, sobre o qual põem depois o chapéu, sempre que estão doentes e têm de sair à rua. A cobertura da cabeça com um lenço de lã, por parte do homem, é por demais conhecida, como preceito da indumentária do romeiro da quaresma, na ilha de São Miguel.

Tem, pois, o seu interesse, este capítulo do vestuário popular açoriano, na parte que se refere a «coberturas de cabeça, independentes de qualquer outro resguardo», ou sejam, como acabámos de ver, barretes, carapuças e chapéus.

(Palestra proferida no Emissor Regional dos Açores)

## Carreiro da Costa

### 1.º SARGENTO Ferreira de Almeida

A fim de prestar serviço no ultramar, embarcou no «Carvalho Araújo» para o continente o nosso prezado colaborador 1.º sargento Manuel de Andrade Ferreira de Almeida, a quem agradecemos os seus cumprimentos de despedida com votos das maiores felicidades.

da Agricultura da França M. E. PISANI, no Instituto Nacional Agronómico, quando de uma reunião de informação dos Directores de Estabelecimentos Agrícolas, no ano passado, dirigiu aos jovens do mundo rural e levando em conta o meio de que estão impregnados, «o ensino agrícola tem por vocação formar para a agricultura as elites de que ela tem necessidade para tomar o lugar que merece no mundo moderno», manifestamos nossa plena fé e esperança, em que o actual escol de novos valores da geração de técnicos agrários e de agricultores e lavradores micaelenses e marienses, que felizmente possuímos não deixará de começar a construir, com perseverança, os necessários alicerces tendentes à suficiente robustez das actividades agro-pecuárias do distrito, em sua hodierna evolução.

E tanto assim será, porque estamos convictos que devemos ter bem a noção das responsabilidades que neles também impendem, no sentido de preparar um melhor futuro para as gerações que se lhes seguirem, então possuidoras daquelas elites com as normas de mentalização que agora, mais do que nunca, se lhes impõe ministrar, e isto ainda dizemos, de acordo com a citação feita pelo mesmo Ministro E. Pisani, no debate agrícola na Assembleia Nacional Francesa de 11 de Outubro do ano findo «Formar os adultos, é talvez hoje, mais importante que formar os novos porque estes chegarão depois que o mundo novo tenha sido construído»...

## Dr. Gamboa de Vasconcelos

Acompanhado de sua esposa sr.ª D. Maria Eugénia de Viveiros Gamboa de Vasconcelos, regressou de Lisboa o sr. dr. Jorge Gamboa de Vasconcelos, deputado por este circulo.



# O casamento da filha mais nova dos Viscondes do Botelho

(Continuação da página 1)  
Apostólica; Dr. Cardoso de Miranda, representante do embaixador do Brasil; Dr. José Carlos Mariategui,

Carranza, D. Juan Schwartz, tenente-coronel Juan Orozco, comandante Amador Franco, D. Pedro Rocamora e D. Miguel Junqueira,

## dos Viscondes do Botelho



O Casal, durante a cerimónia religiosa



A noiva, entrando na casa da Junqueira, pelo braço do Chefe do Estado



A noiva com o seu padrinho, o Barão de Lardies que envergava a farda de Cavaleiro de Ronda

da Embaixada de Itália; D. Tomás da Embaixada de Espanha (os embaixadores não compareceram por estarem ausentes de Lisboa); e Marquês de Los Arcos, quase todos acompanhados das esposas.

No transepto, estavam os restantes convidados, na sua maioria também com as esposas. Eis alguns nomes: generais Câmara Pina, Mário Silva; almirantes Henrique Tenreiro e Lopes Alves; comodoro Jerónimo Jorge e Valente de Araújo; Drs. Soares da Fonseca, Freitas Fimentel, Armando Cândido, Martinho Nobre de Melo, Corrêa de Barros, José Ribeiro Espírito Santo, Dr. de Melo Rebelo.

Vicente Machado, Carlos I. Soares, Soveral, António Luís Gomes, Nunes da Silva, José Nosolini, Mário Madeira, Carlos Salazar de Sousa, António Duarte Silva e Manuel Espírito Santo; Engs. Vasco Costa, Saraiva e Sousa, Branco Cabral, Espregueira Mendes, José Abacassis, Basílio Caeiro da Mata, Ribeiro Ferreira e Sebastião Ramirez; António Champalimaud, Aristides Sain, António de Medeiros e Almeida, Joaquim Paço d'Arcos e R. Correia Leite; Condes das Antas de Alcáçovas, de Alto Mearim, de Cabral, da Foz, de Monte Real, de Mangualde e de Avillez, Marqueses de Mendia e de Olhão; Marqueses de Cadaval; Condessa de Cabral e outras figuras da aristocracia portuguesa e espanhola, oficiais superiores das Forças Armadas, individualidades de relevo nos meios social, económico e financeiro, etc.

### A alocução do celebrante e o compromisso sacramental

Mons. Moreira das Neves começou a celebração da missa, que foi cantada. A parte coral esteve a cargo dos elementos da Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional e do Coro de Santa Cecília. Cantaram solos os artistas Armando Guerrero, Luís França e Dr. Álvaro Mata, que dirigiu o coro. A missa terminou com o canto do Evangelho, o erudito sacerdote proferiu uma alocução, em que disse:

«Viestes aqui à presença de Deus, diante deste altar e diante destas testemunhas, com o fim de vos unirdes em matrimónio, segundo as leis da Santa Madre Igreja Católica.

«Grande Sacramento é este, o do matrimónio, segundo ensina S. Paulo, pois é nem mais nem menos do que símbolo da união mística de Cristo Salvador nosso com sua Esposa a Santa Igreja. Assim como Jesus Cristo está unido à Igreja por uma união tão íntima e estável que formam um só ser, um só corpo, o Corpo Místico, assim aqueles que se unem pelo santo sacramento do matrimónio ficam ligados por vínculos tão estreitos que nada os pode quebrar senão a morte.

«Por este sacramento, uma vez recebido com as disposições que requerem, concede Nosso Senhor aos esposos abundantes graças, e particularmente aquela graça especialíssima ou graça sacramental que, no decurso de toda a sua vida, os confortará nas provas e adversidades e os ajudará a cumprir as difíceis e graves obrigações do estado conjugal.

«O acto que vós ides agora realizar é muito sério e da mais alta importância para a vossa vida. Dele depende, até certo ponto, a vossa felicidade, temporal e eterna. Pensai, pois nas graves obrigações que livre e espontaneamente ides assumir, e, aqui, diante de Deus, prometei que, auxiliados pela sua graça, as haveis de cumprir com a maior fidelidade.

«Tereis, na vossa vida de casados dias de prosperidade e alegria, mas também dias de tristeza e adversidade. Nem a prosperidade vos alvante em soberba, nem a adversidade vos abata com o desânimo. Vivei em comum as vossas alegrias, para com mais facilidade suportardes a dor e a tristeza. Poderá suceder, por vezes, que sejais um peso um para o outro; suportai-vos mutuamente, e nada de triste traia para fora do santuário a família; desta forma, conservareis a paz e a harmonia do lar, e Deus vos cumulará das suas consolações.

«Pagai um ao outro o tributo de amor mútuo; e que esse amor seja tal sempre que mereça ser por Deus abençoado.

«Como das maiores bênçãos de Deus, aceitareis os filhos que Ele vos der. Lembrai-vos sempre que

os filhos são dom preciosíssimo de Deus, dom esse que não tendes o direito de recusar e do qual tereis um dia de dar rigorosíssimas contas ao Senhor. É dever vosso cuidar do corpo dos vossos filhos; maior dever ainda cuidar da alma. Educai-os no santo temor de Deus, no amor e prática da nossa santa religião católica; e não esqueçais que o meio mais eficaz de uma boa educação será sempre o exemplo da vossa vida irrepreensível.

«Seja sempre a fé o vosso guia indefectível; seja a esperança o vosso amparo; sejam as vossas acções animadas pela caridade e piedade. Desta maneira, vivereis felizes, agradáveis a Deus Nosso Senhor, seréis por Ele abençoados nesta vida e merecereis a bem-aventurança eterna no céu, onde o mesmo Jesus Cristo, que vai agora unir-vos pelos vínculos do matrimónio, vos coroará a ambos de glória.

Feito o interrogatório dos noivos, a que ambos responderam imediatamente e com a maior naturalidade o habitual «sim», procedeu-se ao compromisso sacramental. Os esposos uniram as mãos direitas, sobre as quais o sacerdote pôs a estola, confirmando o matrimónio e abençoando-o. Seguiram-se a bênção e mútua entrega de «alianças», que os noivos fizeram um pouco trémulos, mas com os olhos a irradiar felicidade. Vieram então as bênçãos finais e Mons. Morerira das Neves leu o documento em que Paulo VI enviava a bênção papal ao novo casal cristão.

Depois, continuou a missa pelos esposos. Ao Ofertório, o tenor Armando Guerreiro entou a «Salvé Regina», de Limander. Veio a

(Conclui na página 5)



O sr. Ministro da Justiça, sr.ª D. Elisabeth Tenreiro, os Condes de Berenguer, sr.ª D. Madalena Varela Antunes e Almirante Henrique Tenreiro



A sr.ª D. Maria Luisa Gonçalves de Proença, os Condes de Berenguer, o sr. Ministro das Corporações e a Embaixatriz sr.ª D. Maria Olívia de Nosolini



Um grupo de convidados, vendo-se da esquerda para a direita: Dom Jesus Yangués Messias, antigo ministro do Governo de Franco, Prof. Gonçalves de Proença, Ministro das Corporações, sr.ª D. Maria Amélia de Pita e Cunha, Sua Alteza Real o Conde de Barcelona e Princesa D. Pilar de Espanha, sr.ª D. Margot Caeiro da Mata, Prof. Dr. Paulo Cunha, Eng. Basílio Caeiro da Mata e sr.ª D. Maria Luisa Gonçalves de Proença